

As empresas diante da crise

Difícilmente se repetirá no Brasil a onda de insolvências observada na Ásia, no ano passado, na pior fase da crise financeira. A situação das empresas brasileiras é muito mais sólida, em geral, do que era, naquele momento, a das coreanas, tailandesas, filipinas, malaias e indonésias – e essa distinção vale também para o setor financeiro. A recuperação brasileira, portanto, poderá ser mais pronta e a crise, menos profunda, se nenhum grande erro for cometido nas próximas semanas.

A diferença entre a situação das empresas no Brasil e na Ásia, no momento da crise, foi mostrada em reportagem do *Wall Street Journal* publicada semana passada pelo *Estado*. Analistas de mercado mostram, por exemplo, o baixo endividamento das companhias brasileiras. No ano passado, o débito privado correspondeu, em média, no País, a 41% do Produto Interno Bruto (PIB). Na Coreia, como na Indonésia, a soma das dívidas privadas ultrapassou o valor do PIB. Os analistas mostram também a posição mais segura das instituições financeiras. Seus compromissos em dólares mal devem chegar a US\$ 35 bilhões e, além disso, as instituições, de modo geral, trataram de se proteger contra uma desvalorização.

A reportagem poderia ter mostrado outras diferenças importantes. Na Ásia, grande parte do sistema bancário aplicou pesadamente em projetos de retorno duvidoso, acumulando ativos de má qualidade. Quebras de bancos foram um resultado perfeitamente normal da crise. A especulação imobiliária foi um dos sorvedouros de recursos, em muitos países, ao lado de investimentos mal dimensionados. Só com a crise foi possível, em alguns países, formar uma idéia mais ou menos nítida de quanto eram frágeis certos grandes grupos. Contabilidade confusa, relações obscuras entre empresas, vínculos pessoais entre governantes e empresários e excesso de favores públicos a organizações privadas contribuíram para ocultar a situação real de muitos grupos. Na Coreia, rachaduras do sistema empresarial começaram a aparecer antes da crise financeira, assim como as primeiras quebras importantes.

No Brasil, a dependência do setor privado em relação ao setor público vem sendo reduzida há vários anos. A crise fiscal, a urgência da reforma do Estado e a escassez de crédito contribuíram poderosamente, desde o final dos anos 80, para desenvolver uma economia de mercado bem mais genuína que a de mui-

tos países por muito tempo apontados como exemplos – a começar pelos tigres da Ásia. Investiu-se muito menos que o necessário, nesse período, mas aprendeu-se a operar com menor endividamento e com maior prudência. A partir de 1994, as empresas tiveram de aprender também a trabalhar numa economia de inflação baixa e, durante pelo menos três anos, com taxa cambial fortemente desfavorável. Foi um aprendizado penoso e muitas empresas foram derrubadas no teste – ou absorvidas por alguma concorrente mais poderosa, nacional ou estrangeira. As compras e fusões, de fato, acabaram sendo mais importantes que as quebras, na conformação do novo mercado brasileiro.

O setor financeiro sofreu abalos, com a redução abrupta da inflação, e teve de reestruturar-se. Os maiores bancos haviam começado mais cedo a preparação. Os demais tiveram de sair do mercado ou funcionar em novas condições – muitos deles absorvidos por instituições mais poderosas. A remontagem do sistema financeiro provavelmente ainda está incompleta, mas, de

modo geral, os bancos brasileiros são hoje muito mais sólidos do que no início dos anos 90.

Haverá dificuldades, naturalmente, principalmente para os setores mais dependentes de importações e para as empresas com dívidas em moeda estrangeira – a maioria das quais, aliás, se

protegeu com operações de hedge. Mas, no conjunto, o sistema empresarial tem condições de vencer sem grande trauma a nova crise – se ninguém, é bom repetir, cometer

grandes erros. Falhas importantes podem ser cometidas tanto pelo setor público – isto inclui todos os poderes e todos os níveis de governo – quanto pelo empresariado. Retardar a retomada de exportações, desperdiçando a oportunidade aberta pela desvalorização cambial, seria um desses erros. Contribuir para uma corrida inflacionária, jogando fora as vantagens criadas pela mudança cambial, seria uma tolice criminosa – mas alguns empresários, com o setor automobilístico na vanguarda, se mostram dispostos a cometê-la. Impedir essa loucura, sem violentar o mercado, é o primeiro desafio para o governo.

Empresas devem menos e bancos são mais sólidos que os da Ásia. O País desperdiçará essa vantagem?